

JOSÉ LUIZ TEJON

O PODER DO

# COMO MUDAR O

USE AS  
INSATISFAÇÕES  
A SEU FAVOR  
E ALCANCE  
UMA VIDA DE  
REALIZAÇÕES

*Gente*  
editora

**Diretora**  
Rosely Boschini  
**Gerente Editorial**  
Rosângela Barbosa  
**Editora Assistente**  
Franciane Batagin Ribeiro  
**Assistente Editorial**  
Giulia Molina  
**Produção Gráfica**  
Fábio Esteves  
**Preparação**  
Laura Folgueira  
**Capa**  
Sergio Rossi  
**Projeto gráfico e diagramação**  
Vanessa Lima  
**Revisão**  
Andréa Bruno e Carolina Forin  
**Desenvolvimento de eBook:**  
Loope Editora | [www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)



Copyright © 2021 by José Luiz Tejon  
Todos os direitos desta edição  
são reservados à Editora Gente.  
Rua Original, 141/143 – Sumarezinho  
São Paulo, SP – CEP 05435-050  
Telefone: (11) 3670-2500  
Site: [www.editoragente.com.br](http://www.editoragente.com.br)  
E-mail: [gente@editoragente.com.br](mailto:gente@editoragente.com.br)

**Todas as citações bíblicas foram padronizadas de acordo com a Bíblia King James, disponível em <http://www.bkjfiel.com.br/bible>.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Tejon Megido, José Luiz, 1952-

O poder do incômodo: use as insatisfações a seu favor e alcance uma vida de realizações / José Luiz Tejon Megido. – São Paulo: Editora Gente, 2021.

ISBN 978-65-5544-080-5

1. Desenvolvimento pessoal 2. Autorrealização 3. Sucesso I. Título  
21-0117 CDD 158.1

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Desenvolvimento pessoal

# NOTA DA PUBLISHER

Lançar mais um livro do José Luiz Tejon é sempre uma honra, não só pela grandeza de suas palavras mas também por ele nos guiar pelas mãos em um mergulho nas profundezas do ser humano.

Em *O poder do incômodo*, o leitor encontra um grande ensinamento: nós somos movidos pelas inquietações, dificuldades e obstáculos que estão em nosso caminho. O ato de se incomodar é necessário para aqueles que querem sonhar e se transformar, e, aqui, neste livro, você aprenderá como utilizar esse sentimento para sair da sua zona de conforto e atingir uma vida de realização e felicidade.

Com palavras inspiradoras, Tejon nos ensina a encararmos sem medo esses sentimentos tão intrínsecos à vida e, por meio de seu método e de suas reflexões, nos mostra como podemos utilizar os incômodos a nosso favor. Ele nos impulsiona a sairmos da “mornalidade”.

Tejon e eu somos irmãos de alma e estamos juntos nessa jornada do desenvolvimento humano há alguns anos, e posso afirmar com toda a certeza que o incômodo que você sentirá durante a leitura o fará transcender para uma nova etapa do seu desenvolvimento. É um imenso prazer poder publicar um livro tão importante e que com certeza será mais um best-seller do autor. Assim, deixo aqui uma provocação para você, caro leitor: desejo que se incomode muito e sempre – no bom sentido, claro –, porque é só assim que vamos mudar o mundo e a nossa realidade!

Boa leitura.



**ROSELY BOSCHINI** – CEO e publisher da Editora Gente

## **CARO LEITOR,**

Queremos saber sua opinião sobre nossos livros.

Após a leitura, curta-nos no [facebook.com/editoragentebr](https://www.facebook.com/editoragentebr) ,

siga-nos no [Twitter @EditoraGente](https://twitter.com/EditoraGente) e

no Instagram [@editoragente](https://www.instagram.com/editoragente) e visite-nos

no site [www.editoragente.com.br](http://www.editoragente.com.br).

Cadastre-se e contribua com sugestões, críticas ou elogios.

# DEDICATÓRIA



**A TODOS OS SERES HUMANOS QUE, COM SUAS VIDAS, SE INCOMODARAM E NOS INCOMODARAM PARA QUE O MOVIMENTO DA EVOLUÇÃO NÃO PARASSE.**

# AGRADECIMENTOS



Ao professor Marco Antonio Villa, pelo prefácio, com admiração, pois não pode haver maior prova do poder do incômodo do que a corajosa arte jornalística desse mestre.

A Paulo Dimas Mascaretti, desembargador, ex-presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e da Secretaria da Justiça e Cidadania, pelo posfácio. Um ser humano a quem vejo nos mais elevados postos da justiça do país, eticamente incomodado com a dignidade dos valores ascensionais humanos.

A Rosângela Barbosa, minha chefe na edição.

A Rosely Boschini, desde sempre minha editora mestra.

A Roberto Shinyashiki, amigo para sempre e inspirador presente.

A Ricardo Shinyashiki, a inspiração do livro *Guerreiros não nascem prontos* e que me trouxe a *O poder do incômodo*.

A João Correia Filho, pela leitura crítica.

A Marie Lissette Canavesi Rimbaud (UDE Uruguay), minha orientadora no doutorado que me trouxe para “a



Pedagogia da Superação”.

A Ana Claudia Barreto (UDE Uruguay), orientadora adjunta que me fez superar as dificuldades da escrita de uma tese de doutorado cujo saber se espalha neste livro.

A Sol Martins (Líder Rotary), pela medalha Paul Harris que me conferiu.

A Jaime Basso, líder cooperativista Sicredi que me tem permitido o exercício real do cooperativismo.

A Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura; Marcello Brito, presidente da ABAG; Fernando Penteado Cardoso, presidente da Agrisus; Ney Bittencourt de Araujo (*in memoriam*), Shunji Nishimura (*in memoriam*), Nuno Ferreira de Sousa (*in memoriam*), Chikao Nishimura, José Carlos Gonçalves e João Donato, pela coragem e inspirações na minha vida profissional.

Ao professor doutor Marcos Cobra, pela ética da profissão de marketing.

A Livio Tragtenberg, extraordinário músico e compositor, pela aula das doze notas neste livro.

A Maria da Conceição Guimarães, cujo depoimento sobre o poder do incômodo está no último capítulo deste livro.

A Desi Schmitt, uma descoberta de um ser maravilhoso que me levou ao campus da Audencia, em Nantes, na França.

A Edmea Sanchez, minha eterna amiga e administradora TCAI.



A Ana Purchio, pelo carinho da revisão deste livro.

Ao time da Biomarketing, TCAI e Fecap.

A Adriana Bandeira de Mello, minha esposa, que acompanhou toda a jornada deste livro.

À psicanalista Ruth Garcia dos Santos, por marcos teóricos significativos.

Às amizades sinceras, às novas gerações pós-covid-19, aos meus amores percebidos e aos desconhecidos, à minha família, filhos, netos, Ale, Anna, à nova Aurora e à Giovanna, que me adotou como padrinho.

# SUMÁRIO



**PREFÁCIO** Dr. Marco Antonio Villa

**INTRODUÇÃO** A obra-prima do amor

**CAPÍTULO 1** Felicidade é aperfeiçoar as imperfeições

**CAPÍTULO 2** Quanto maiores os incômodos, maior serei. Mas cuidado: não perca o foco

**CAPÍTULO 3** Incerteza e imperfeição, necessárias para quem vive neste nosso mundo

**CAPÍTULO 4** Uma vida morna, o reino dos indiferentes

**CAPÍTULO 5** Por que vivemos assim?

**CAPÍTULO 6** Os incômodos são as alavancas para as transformações que você quer ou de que precisa

**CAPÍTULO 7** Coragem, o começo de tudo

**CAPÍTULO 8** Confiança

**CAPÍTULO 9** Cooperação

**CAPÍTULO 10** Criação

**CAPÍTULO 11** Consciência

**CAPÍTULO 12** Conquista

**CAPÍTULO 13** Correção

- CAPÍTULO 14** Caráter
- CAPÍTULO 15** A Pedagogia da Superação
- CAPÍTULO 16** A vitória das realizações
- CAPÍTULO 17** Como criar realizações vitoriosas
- CAPÍTULO 18** O incômodo é genial
- CAPÍTULO 19** Da dona Zeta à Conceição: diretora de uma grande multinacional
- CONCLUSÃO** O dia em que ser um rosto igual na multidão me incomodou profundamente
- POSFÁCIO** Dr. Paulo Dimas Mascaretti
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



# PREFÁCIO



**A** quase totalidade dos livros que li, leio e lerei – dando uma de Júlio César dos livros – é sobre História, focando especialmente a política como prática e pensamento. Vez ou outra, procuro a literatura para me deliciar – aí a escolha é com muito prazer, não por obrigação de ofício. Conheço novos autores, releio os clássicos, aprendo até – mas não só – a melhorar o estilo. É sempre um enorme prazer, mas que traz uma espécie de maldição: nunca poderei ler todos os livros que deveria. Fazer o quê? Tentar, ao menos, ir enganando o tempo, lendo rapidamente tudo o que quero e fingindo que o meu relógio parou. Falo com os amigos que tivemos na locução esportiva um filósofo pré-socrático, um Heráclito do rádio, o grande Fiori Gigliotti. Ele dizia em toda transmissão, geralmente na parte final do jogo, para meu desespero, especialmente quando o meu time estava perdendo ou obtendo uma vitória suada: “O tempo passa!”. Realmente, o tempo passa. É uma espécie de fragmento pré-socrático.

Digo isso porque ao ler o belo livro do amigo José Luiz Tejon fui recordando momentos da minha vida e, claro, da história do Brasil, da que vivi e daquela que li e estudei. O amigo é um exemplo do brasileiro. Não comungo da ideia absurda e muito distante da realidade de que o brasileiro é preguiçoso, pouco inventivo, acomodado. Como se fosse um eterno Jeca Tatu. Não custa recordar que o brilhante Monteiro Lobato (exemplo de empreendedor) acabou mudando de ideia sobre o personagem que criou e que foi motivo, pouco após a



publicação do livro, de ser mencionado e comentado em um célebre discurso de Ruy Barbosa na sua última campanha presidencial, em 1919. O nosso povo tem defeitos, como outros, mas tem, inegavelmente, muito mais qualidades. É trabalhador, determinado, “dá nó em pingo d’água”, inventivo, criativo, perseverante. Não desanima. Sonha sempre com um mundo melhor. Mas não só sonha, age. Em um dos meus livros, conto a saga – saga sim – que foi a grande migração nordestina para São Paulo. Uma história de coragem, de determinação, de construção de um mundo melhor. Entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o fim dos anos 1970, foi o maior deslocamento populacional do mundo ocidental. E o Brasil associou-se aos milhares e milhares e construímos uma grande economia. Fomos, durante cinquenta anos do século XX, a economia que mais cresceu no mundo ocidental. Aquilo que poderia ter gerado uma enorme explosão social acabou produzindo uma das maiores economias do mundo.

Essa determinação é apresentada pelo amigo Tejon. Fala da sua vida, conta a história de vários empreendedores e sempre busca alicerçar suas reflexões no conhecimento – este mesmo conhecimento tão desprezado nos tempos contemporâneos dominado pelos rastaqueras – acumulado pelas várias civilizações. Ou seja, insere o nosso país no mundo global e acaba se transformando em um modernista de 1922 produzindo uma espécie de antropofagia cultural.

Digo que, após terminar a leitura, saí melhor do que entrei. Isto é, aprendi muito. Mesmo quando – será? – o autor considerou que escreveu algo banal, corriqueiro. Tejon conseguiu combinar, e não é tarefa fácil, o particular – sua história de vida – com o geral – a sociedade, o mundo e suas culturas. E as citações se



associaram ao seu texto de forma natural, complementando um pensamento, uma história, um momento da sua vida.

Tenho absoluta certeza de que o leitor vai saborear este livro com imenso prazer. E vai exigir – exigir sim! – uma parte dois, um segundo volume a partir de novas experiências que este livro vai propiciar ao autor e seus leitores. Especialmente porque sairemos desta situação dramática que vivemos. E não será a primeira vez. A nossa história tem excelentes exemplos de superação nacional. E com a vacinação em massa – somos o país que mais vacina na Terra – e a criação de um sistema permanente de acompanhamento da saúde pública e o fortalecimento do SUS – o maior sistema público de saúde do mundo! Também vamos rever os nossos laços de sociabilidade, passaremos necessariamente pelo modelo econômico e o nosso posicionamento no mundo

**Prof. Dr. Marco Antonio Villa**

# INTRODUÇÃO

*A obra-prima  
do amor*

**“SE NÃO FIZERES ADVIR O QUE ESTÁ EM TI, FARÁS  
ADVIR O QUE TE SALVARÁ. SE NÃO FIZERES ADVIR  
O QUE ESTÁ EM TI, O QUE NÃO TERÁS FEITO ADVIR  
TE MATARÁ.”**

Emmanuel Carrère



s vezes, algo nos dá um clique. Sem sabermos bem de onde vem nem como, pinta um incômodo. No mesmo sentido da frase ao lado, existem outras bem mais famosas, como a do filósofo Friedrich Nietzsche: “O que



não nos mata nos fortalece”,<sup>1</sup> ou a de Friedrich Hölderlin, outro notável pensador: “Ali onde medra o perigo, medra também o que salva”.<sup>2</sup> Assim, bem-vindos todos os incômodos e seus poderes.

Aliás, você já sentiu amor à primeira vista? Que poderoso incômodo, não? E se lembra de quando foi despertado para o que tinha que ser feito na vida? Esse momento foi o “clique”, como um beliscão mental. Ninguém fica o mesmo a partir desse “clique” dos incômodos. Vamos a eles.

A vida morna não me serve. O mundo me incomoda demais para aceitar a “mormalidade” – a ilusão da “normalidade” perene, o estado em que nada mudaria, muito menos seríamos mutantes. Ao lermos as teorias de evolução das espécies de Darwin, podemos chegar à conclusão de que os que prevalecem são aqueles que se adaptam em altíssima velocidade às mudanças.

Tive a felicidade de conviver, na Agrocere (empresa líder no agronegócio brasileiro), com pesquisadores geneticistas nas áreas vegetal e animal. E eles costumam dizer que a “natureza é muito lenta”, e que os vegetais e os animais adaptados a novas circunstâncias dadas são os que sobrevivem. Muitos até associam inteligência à nossa capacidade de adaptação. Porém, comecei a observar uma significativa diferença quando olhamos para seres humanos.

Temos, sim, uma enorme capacidade de adaptação. Basta ver como tantos dos mais de 7 bilhões de seres humanos no planeta vivem em condições sofríveis de pobreza e miséria. Adaptamo-nos em campos de concentração, penitenciárias, hospitais, em organizações com péssimas lideranças. No entanto, há um aspecto importantíssimo entre os humanos. Diante do incômodo, iniciamos um processo de adaptação ao meio, é certo,



mas os que realmente superam essa condição não são aqueles que apenas se adaptam. Quem supera e transforma incômodos numa alavanca de prosperidade, felicidade e dignidade é que transforma a realidade.

Plantas e animais não têm a capacidade de alterar as realidades que lhes são oferecidas. Se uma alteração climática mudou o regime de chuvas e o clima se tornou mais seco, a planta que sobreviverá será aquela que aprender a suportar e desenvolver uma maior resistência ao déficit hídrico. Mas ela não terá condições de criar sistemas próprios de irrigação para suprir a nova condição determinada pela natureza. O ser humano sim. Primeiro nos adaptamos, pois sem isso não suportamos a mudança, mas logo em seguida começamos a criar e a alterar a realidade a nossa volta.

Por isso, vidas mornas não cumprem a missão maior que separa a espécie humana das demais. Além de nos adaptarmos em velocidade, iniciamos um processo de transformação do mundo. Tentativa e erro, num grande aprendizado ao longo do processo de aperfeiçoamento das realidades incomodantes e imperfeitas. Claro, muitos sistemas criados para aperfeiçoar a vida em sociedade podem não resultar no melhor caminho, como mostram as experiências das ditaduras e de empresas que trocam as decisões de longo prazo pelos interesses oportunistas de curto prazo. Por outro lado, experiências ligadas ao cooperativismo bem liderado e a democracias com investimentos competentes em educação, ciência e saúde humana e ambiental revelam muito mais resiliência e preparo para superar aquilo que nunca deixará de existir: mudança, incerteza e fatores incontrolláveis. Dessa forma, este livro é feito para incomodar todos os que vivem a vida morna.



*Quem supera e transforma incômodos numa alavanca de prosperidade, felicidade e dignidade é que transforma a realidade.*



Num dos meus mergulhos para me dedicar à escrita, estive em Tel Megiddo, Israel, o local do Apocalipse, o Armagedom.<sup>3</sup> Ali, escrevi parte do meu livro *O código da superação* (Editora Gente). Há mais de 8 mil anos, houve no local destruição e reconstrução 27 vezes, e o código de todas as superações estava no grande significado da palavra “amor”. Uma inscrição em Tel Megiddo dizia: “Peace will prevail” – a paz prevalecerá. E na Bíblia, no Apocalipse 3:16, está o registro forte, agressivo e furioso de Deus que esbraveja: “Então, como tu és morno; e nem frio, nem quente, vomitar-te-ei da minha boca”.

Então, aos mornos, vamos com o sentido maior do amor, o código de todas as superações: quem ama não espera o perfeito, pois perfeição não existe. Quem ama aperfeiçoa imperfeitos, a imperfeição, e, ao ver assim o mundo, logo compreende que, sem o autoaperfeiçoamento, não conseguirá superar nenhum obstáculo ao redor. Portanto, “mornos”, venham, vamos aquecê-los.

E quanto aos que já estão quentes, vamos ver como aceleramos o progresso que os incômodos nos trouxeram.

Mas e os frios? São os revoltados, furiosos. São os que odeiam os incômodos e imaginam ser possível destruir a causa daquilo que os incomoda. São os que xingam o mundo. Acusam e criam inimigos à sua volta. Estão sempre com o dedo indicador apontado para algum alvo responsável pelo que acontece em suas vidas. Têm tônus vital e se rebelam contra tudo e contra todos. Querem brigar. Sentem fortíssimas emoções.



Pois, então, a partir de agora, vamos ver como canalizar essa gana, essa fúria, não pelas vertentes do mal, mas pelos canais do bem.

Vamos nos entregar ao poder do incômodo, à felicidade da compreensão de um mundo imperfeito, onde a maior de todas as nossas motivações está exatamente na possibilidade do aperfeiçoamento de tudo o que nos envolve na Terra. Inclusive, e principalmente, a nós mesmos.

*Quem ama aperfeiçoar imperfeitos, a imperfeição, e, ao ver assim o mundo, logo compreende que, sem o autoaperfeiçoamento, não conseguirá superar nenhum obstáculo ao redor. Portanto, "mornos", venham, vamos aquecê-los.*



- 
- <sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NDg4NDI3/>. Acesso em: 18 jan. 2021.
  - <sup>2</sup> JUNGES, M.; MACHADO R. O Hipérion como chave para a poética de Hölderlin. **IHU On-line**. 19 out. 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6197-marcia-schuback>. Acesso em: 18 jan. 2021.
  - <sup>3</sup> O local onde, segundo a Bíblia (Apocalipse, 16:14-16), haverá a batalha final entre as forças do bem, ou seja, de Deus, e as do mal, ou seja, de Satanás.



# CAPÍTULO

*Felicidade é  
aperfeiçoar as  
imperfeições*



## **“NÃO TENHAS VERGONHA DA TUA CARA, TENHAS VERGONHA NA CARA.”**

Antonio Alves, meu pai adotivo

“**T**udo seria fácil não fossem as dificuldades”,<sup>4</sup> escreveu o Barão de Itararé, gaúcho chargista genial. Não importa onde estamos, o que fazemos, onde nascemos. A vida sempre nos incomodará. Isso é ótimo sinal. Se você sente incômodos, significa que está vivo. Existem, por exemplo, palavras que incomodam mais do que fatos e atos, palavras que calam fundo na nossa alma, palavras que não nos deixam ser mornos.

Aprendi, logo cedo, graças ao destino, a enfrentar incômodos. Eu tinha não mais do que 10 anos e precisava superar um rosto destruído por uma queimadura. E escutava a frase que abre este capítulo diariamente do meu velho pai adotivo, que me incomodava para que eu não desistisse da vida, para que não ficasse morno.

Muitos anos depois, já considerado um exemplo de sucesso profissional e pessoal, ouvi uma voz muito forte gritando dentro de mim quando estava à beira de uma fonte de água limpa do Pueblo de Cuerigo, em Astúrias, no norte da Espanha. Ali, onde ancestrais caminharam, cantaram, rezaram, sofreram, fizeram sofrer e foram felizes, ouvi: “Nunca duvide do seu destino, e é proibido ter medo”.



O incômodo faz parte do viver, e muitas outras coisas nos incomodam. Há palavras, como as máximas cristãs, que trazem um brutal e gigantesco incômodo: “Que vos ameis uns aos outros”, “Não faça aos outros o que não queres que façam a ti”. Já pensou quão perturbadoras e incômodas são essas duas frases? Certamente, ao pronunciá-las e senti-las dentro, nos movimentamos. Mesmo em meio a uma das maiores crises da história humana, a pandemia de covid-19, conseguimos ver cristãos acusando cristãos, proliferação de raiva e ódio, perseguições e difamações. Esses não são os quentes das forças sintrópicas e criadoras, mas os frios revoltados.

No Alcorão, da mesma forma, esta frase de Maomé nos impediria de sermos “mornos”, indiferentes e acomodados e também nos elevaria para atos do bem: “Aquele que fizer um bem, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á; e aquele que fizer um mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á”.

A Torá, livro sagrado do judaísmo, reforça a sabedoria dos atos e não da omissão: “Se eu te amar por medo do inferno, atire-me nele! Se eu te amar por querer o paraíso, exclua-me dele! Mas se eu te amar pelo que tu és eterno, não esconda de mim a tua face”.

As chamadas zonas de conforto, as “mornalidades”, são alvos não só dessas, mas de todas as filosofias e religiões. Buda registrou: “Em nossas vidas a mudança é inevitável. A perda é inevitável. A felicidade reside na nossa adaptabilidade em sobreviver a tudo de ruim”. Alan Kardec, no espiritismo, diz: “O espírito deve sofrer não apenas pelo mal que praticou, mas por todo bem que poderia, mas deixou de praticar, durante toda sua vida”.

Saindo do âmbito da religião, Domenico de Masi, sociólogo italiano, diz que o ócio criativo é o lugar onde você trabalha com paixão e amor, onde estuda



profundamente e onde se diverte muito. Quer dizer, de novo, onde você atua como protagonista, e não como vítima. E para meus amigos do marketing, propaganda e vendas, cai bem a máxima de um dos maiores publicitários do mundo, David Ogilvy: “Se não vende, é porque não é criativo”.

Bem-vindos ao mundo do engajamento nos atos: responsabilização *versus* indiferença e vitimização.

Em todos os livros sagrados, vemos as forças do bem vencendo as malignas, assim como em outros tantos livros da sabedoria humana. Se fôssemos sintetizar uma máxima de todas as máximas dos livros sagrados, algo que sintetizasse os livros divinos, ela deveria começar proibindo usar uma religião contra a outra, e até usar uma religião contra seus membros. São incômodos que nos atingem principalmente em meio a graves conflitos, aqueles que chamo de incômodos entrópicos, que vou explicar mais adiante.

Há ainda os grandes incômodos mesmo, como o de quando minha editora me pediu que fechasse esta obra e não atrasasse mais nenhum dia. Vamos atingindo 103 milhões<sup>5</sup> de casos de infecção por covid-19 na Terra e mais de 2 milhões<sup>6</sup> de mortes “contabilizadas”. Que incômodo entrópico, apocalíptico! Impossível ficar morno diante disso. Entretanto, o abandono de si mesmo prolifera, a depressão e o desânimo ficam evidentes. Para nascer a nova realidade, grande parte da antiga desaparecerá – é exatamente esse o poder do incômodo, o clique da superação.

A esperança está na ciência. Na vacina. E um dos resultados dos grandes incômodos é a cooperação. Os quentes trazem soluções criadoras e sintrópicas. Milhares de cientistas colaborando entre si. Exemplos dignos do orgulho humanista podemos encontrar na imensa maioria



das pessoas e em sua solidariedade. O mundo será, sim, muito melhor, apesar de alguns negarem isso, pois o ser humano se adapta a novas realidades; como já dito, altera sua realidade.

O mundo é imperfeito, e a saga humana na Terra é a luta pelo seu aperfeiçoamento. Por isso, não pararemos nunca. E, da mesma forma, a luta sempre será obrigatória e permanente. Ao percebermos isso, ficamos imensamente felizes, é fato. Paramos de esperar o perfeito. Motivamo-nos a transformar os imperfeitos em aperfeiçoados. Viver a vida acreditando estar dentro de um caldeirão em “banho-maria” é ilusão tola: a água aquece aos poucos e não percebemos.

Deus nos deu de presente o prazer de aperfeiçoar sua obra, e sempre faremos isso. Então, quando se perguntar o que será do futuro, saiba que a resposta é simples: será o que fizemos dele. “Não duvide do seu destino, e é proibido ter medo”, disse-me a voz de Cuerigo, na Espanha.

*Para nascer a nova realidade, grande parte da antiga desaparecerá – é exatamente esse o poder do incômodo, o clique da superação.*



Bem-vindos todos ao mundo, ao nosso planetinha, pois ele não para. Não é nada morno, muito ao contrário, ou é gelado e frio nos vãos do Universo ou quentíssimo nos fogos estelares ou núcleos planetários.

A Terra está girando agora a cerca de 1.700 quilômetros por hora em torno de si mesma. E fica dando voltas em torno do Sol a mais de 107 mil quilômetros por hora. E esse Sol, mesmo nosso sistema solar sendo



minúsculo e invisível num ponto da nossa galáxia, anda numa velocidade de 900 mil quilômetros por hora. Nada para, adormece ou fica “mornal” no Universo: a linda Via Láctea está viajando a 2,3 milhões de quilômetros por hora, algo como 600 quilômetros por segundo. E olha só o incômodo: os cientistas dizem que vamos nos fundir com nossa irmã Andrômeda, outra galáxia, e ficar bem maiores.

Tudo isso me traz ao exemplo de um jovem que tinha tudo para ser “morno”, ausente, indiferente. Ou talvez um “frio” agressivo, revoltado. Mas não o foi. Fez daquilo que seria o seu incômodo – um daqueles incômodos não inventados ou imaginados, mas real – um delicioso programa de estudos e ações. Esse jovem é Bruno Xavier, filho de um grande amigo meu, Coriolano Xavier, que ensina astronomia para surdos no canal “Astronomia em Libras” no YouTube. A iniciativa veio exatamente do maior incômodo de Bruno: sua deficiência auditiva. Ele transformou uma deficiência em uma bruta eficiência! Felicidade é aperfeiçoar as imperfeições.

Afinal, enquanto pensamos sobre os tantos incômodos do cosmos, precisamos nos lembrar de que estamos voando juntos nesse Universo.

---

<sup>4</sup> ITARARÉ, Barão de. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTIzMjMx/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

<sup>5</sup> CASOS DE covid-19 no mundo hoje. Google. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=casos+de+convid+19+no+mundo+hoje&rlz=1C1GCEA\\_enBR783BR783&oq=casos+de+convid+19+no+mundo+hoje&aqs=chrome..69i57j0i13j0i22i30.9326j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=casos+de+convid+19+no+mundo+hoje&rlz=1C1GCEA_enBR783BR783&oq=casos+de+convid+19+no+mundo+hoje&aqs=chrome..69i57j0i13j0i22i30.9326j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 1 fev. 2021.

<sup>6</sup> *Ibidem*.



# CAPÍTULO



*Quanto maiores os  
incômodos, maior serei.  
Mas cuidado:  
não perca o foco*



**“A DESCOBERTA DO SENTIDO ESTÁ LIGADA AOS PROJETOS CRIADOS, ÀS METAS ESTABELECIDAS, AOS OBJETIVOS TRAÇADOS PARA UMA VIDA MELHOR. PORÉM NÃO SE DEVE TER COMO SENTIDO A FELICIDADE, POIS O PRAZER NUNCA É A FINALIDADE ÚLTIMA DA ATIVIDADE HUMANA, MAS SIM, E DEVE CONTINUAR SENDO, UM EFEITO COLATERAL DA CONSECUÇÃO DE UMA META. REALIZAR UM OBJETIVO CONSTITUI UMA RAZÃO PARA SER FELIZ. ASSIM SENDO, A FELICIDADE SE APRESENTA AUTOMÁTICA E ESPONTANEAMENTE.”**

Viktor Frankl

**A**ntoine Saint-Exupéry disse: “Nenhum livro nos ensinará mais do que a Terra, pois ela resiste a nós. Um homem terá seu tamanho revelado pela altura dos obstáculos que ultrapassar”. Por minha vez, digo que a síntese única deste livro é afirmar que cada um de nós será maior do que os incômodos que superar.

Nunca poderia imaginar que estaria escrevendo parte dele exatamente durante um dos maiores incômodos da história humana: a pandemia de covid-19, que nos

entocou em nossas casas, isolados, modificando nossa relação com o trabalho, tornando tudo virtual e trazendo à tona diversos outros incômodos. Em 2020, a Terra se estranhou, e nada será como antes a partir de 2021. Para mim, o século XX acaba em 2020, e o XXI começa em 2021.

Será que vou dar aulas presenciais em 2021? E as empresas, como estarão depois de tudo isso? Será que, como em anos anteriores, teremos alunos de outros países nos cursos em que dou aula na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), em São Paulo? Teremos doravante o livre-arbítrio? Quem quer ir *versus* quem quer ficar em casa? Um nanovírus, praticamente invisível, originado num mercado de alimentos em Wuhan, na China, se espraia, e aqui estamos, tendo o desafio de presenciar e superar um daqueles incômodos que batizei, antes da sua chegada, de “incômodo entrópico – modelo apocalíptico”.

Mas, aqui dentro do olho desse furacão, todos movidos e comovidos por um gigantesco e poderoso incômodo, a doença, é importante observar o quanto de outros incômodos paralelos são desenvolvidos e criados pelas pessoas. Brigas domésticas explodem e ocasionam o aumento, por exemplo, de agressão às mulheres em casa. Crescem os incômodos de síndrome de vítimas, causados por uma ausência de autorresponsabilidade, quando olhamos para nós mesmos como vítimas do mundo. Vemos a caça a culpados, uns contra os outros.

Da mesma forma, aparecem os incômodos do tipo “murro em ponta de faca”. Quer dizer, mesmo durante uma megacrise como a causada pelo novo coronavírus, que exige ciência, racionalidade e um grande foco no gigantesco desafio, muitos líderes continuaram batendo



em questões ideológicas seculares, como a de esquerda versus direita.

Nesse sentido, podemos aproveitar deste livro, que não nasceu por causa do novo coronavírus, mas que foi atropelado por ele, reflexões riquíssimas e uma síntese do aprendizado daquilo que nos incomoda e logo nos transforma.

Para isso, usaremos o acrônimo **S.H.O.W.** Em inglês, o **S** significa *science* – ciência, em português. É por isso que o mundo espera ansioso. E certamente vamos ver uma mudança significativa no valor da ciência pós-coronavírus.

O **H**, em inglês, é *humanity* – humanidade, em português. Assistimos a imensas ações de solidariedade pelo mundo. No pós-coronavírus, nos incomodaremos muito mais com as cerca de 8 mil crianças que morrem de fome todo dia tendo vacina para isso: comida.

O **O**, em inglês, é *overcome* – superação, em português. E superar significará cada vez mais ter coragem para enfrentar o mundo imperfeito. Aceitando o Universo com seus problemas e nossa vida na Terra repleta de imperfeições, ficamos logo motivados e temos a missão de seu aperfeiçoamento e do nosso próprio. O **W** quer dizer *warrior* – guerreiro, em português. A vida sempre exigiu a luta pela vida. E o sábio guerreiro é aquele que logo cedo aprendeu que guerras não são vencidas só lutando, mas compreende a estratégia da cooperação. Como dizia o título do meu último livro, *Guerreiros não nascem prontos*.

*A vida sempre exigiu a luta pela vida. E o sábio guerreiro é aquele que logo cedo aprendeu que guerras não são vencidas só lutando.*



*image  
not  
available*



enfrentamento de males comuns. Em 1902, ele fundou uma cooperativa de crédito, Sicredi, pioneira na cidade de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, pertinho de onde minha querida mãe adotiva, Rosa Hofmann, nasceu, numa colônia de alemães no morro do Canastra, em Canela.

Por falar nisso, o que dizer desse outro imenso incômodo, o da imigração? Levas humanas gigantescas querendo cruzar a fronteira dos Estados Unidos para viver o “sonho americano”. Na Europa, barcos cruzando o Mediterrâneo em busca de “sonhos de vida melhor”.

Nesse sentido, a comissão europeia sugere que suas cooperativas se instalem na África para exatamente criarem desenvolvimento e estancarem a “fuga de seus habitantes” para um sonho que tem todas as características de ilusão.

Os incômodos, quando não enfrentados com a profundidade da razão, ampliam ainda mais o sofrimento. Cooperativas bem lideradas podem, sim, significar caminhos inteligentes na busca de soluções. Portanto, benditos sejam os incômodos – mas não perca o foco. E legítimos valores humanos são as forças que, mesmo sob os piores momentos, ali estão presentes invisivelmente para que possamos superar e transformar incômodos em vitórias. A solidariedade, a democracia, a aversão ao risco, a intercooperação e a confiança são valores predominantes no cooperativismo.

---

<sup>7</sup> AP. Astrônomos detectam a maior explosão do universo desde o Big Bang. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 fev. 2020. Disponível em: <https://ciencia.estado.com.br/noticias/geral,astronomos-detectam-a-maior-explosao-do-universo-desde-o-big-bang,70003214477>. Acesso em: 2 jan. 2021.

<sup>8</sup> GIRARDI, Giovana. Pesquisadores brasileiros sequenciam genoma do coronavírus identificado no país. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 fev. 2020.

*image  
not  
available*



correspondido; incômodos menos agradáveis, como concluir que você é um péssimo técnico em eletrônica e precisa escolher outra profissão (meu caso aos 17 anos); megaincômodos universais, como os que sentiram Jesus Cristo e outros líderes religiosos, como Maomé, Buda, Moisés, Kardec, Pedro, Paulo e tantos outros. Mas, seja qual for o incômodo, desde que não seja falso e inventado, fruto da ilusão, será sempre de extrema importância na vida. Ou melhor, eu diria que, sem incômodo, não haveria vida.

O que é terrível, então, nesse mundo em que estamos começando a mergulhar, o dos incômodos reinantes? A fuga. Optar pela vida morna, amorfa, a negação de estar vivo. A incompreensão para o que viver significa. E, para esses incômodos mornos, então, poderíamos dar outra rotulagem – seriam os indiferentes.

O caminhante tem a responsabilidade de, além de abrir os caminhos, descortinar pérolas preciosas que continuem motivando todos que por ali passarão. Todos os caminhos terão suas cruces e dificuldades, mas todos nos apresentam virtudes. Eu, certa vez, caminhando pelo bairro lisboeta do Chiado, encontrei uma grande flâmula que imediatamente captei como mais um dos grandes sinais para este livro. O texto é de uma campanha da Câmara Municipal de Lisboa por uma cidade mais verde e diz:

Aos indiferentes

Precisamos dos indiferentes.

Dos conformados e dos céticos.

Precisamos dos que ligam demasiado ao carro.

Dos que não desligam a luz.

Precisamos dos que deixam a água a correr.

Dos que se demoram no banho.

*image  
not  
available*



Que venha o incômodo. Que venha na forma de cálice. E que todo ele nos seja útil para virmos a ser o que jamais saberíamos que poderíamos ser sem esse encontro divino – o poder do incômodo. Quando escrevia este trecho do livro, que me incomoda e motiva a todo instante, estava na linda biblioteca da Audencia, em Nantes, na França, cercado por milhares de obras que explicitam o poder dos incômodos que sempre “chacoalharam” a humanidade. Lá, vi um tema impresso numa placa bem grande na praça central da universidade: “*Shake the future*” – chacoalhe o futuro. E ela vem acompanhada de mais um chacoalhão: “*Never stop daring*” – nunca pare de ousar.

Alguns meses depois, um sabotador colocou fogo na linda catedral de Nantes. Significa que a luta nunca termina, que sempre haverá um embate entre forças entrópicas e sintrópicas. Vamos reerguer a catedral. Há lições nisso. Talvez não a olhássemos como deveríamos antes do incêndio. Mal ou bem, tudo oferece lições.

Quero, por fim, mencionar um dos mais poderosos e perigosos incômodos dos próximos anos para a vida na Terra. Estudiosos de Inteligência Artificial escreveram: “Temos uma responsabilidade histórica. Estamos num momento em que podemos decidir que tipo de humanidade queremos”.<sup>10</sup> O neurocientista espanhol Rafael Yuste, da Universidade Columbia (Estados Unidos), criou o grupo BRAIN, que objetiva obter tecnologias para ler o pensamento humano, bem como captar os nossos sonhos. Esse neurocientista diz que descobrir os segredos do cérebro humano não descarta a sua responsabilidade. E, incomodado com a forma como serão usados os algoritmos, podendo se transformar em destruidores do “eu”, de cada indivíduo, propõe a criação de cinco neurodireitos para a humanidade:

*image  
not  
available*



# CAPÍTULO

*Uma vida morna,  
o reino dos  
indiferentes*

*image  
not  
available*



Ou amo certo escritor, certo pensador. Amo a história de vida de um empresário bem-sucedido. Amo a civilização holandesa. Amo a beleza da Gisele Bündchen ou de uma desconhecida, desconhecido, ou o glamour e a elegância de Richard Gere ou do professor Bertrand, de Nantes. Amo o cavalheiro admirável Cristiano Walter Simon (*in memoriam*) ou o professor Roque Dechen da Esalq. Ou amo meu time de futebol, a cerveja com os amigos, meus filhos.

Temos muitos amores na vida, mas quero trazer aqui o amor a causas profundas. Quando amamos o que ninguém quer. Amamos quem ninguém quer. Amamos o impossível. Falo aqui do amor pelo imperfeito. Amor pela verdade, a paixão pela imperfeição, e a luta dos guerreiros que sonham e vivem para aperfeiçoar os imperfeitos.

Você já foi amado incondicionalmente? Já foi um dia na vida o que ninguém gostaria de ter e de ser e sentiu o corte generoso, penetrante e inesquecível do amor? A vida me permitiu viver isso, ser o que não era para nascer e experimentar a transformação de uma lagarta metamorfoseada numa borboleta que alçou voo. Isso só foi possível devido ao amor verdadeiro de uma mãe adotiva. Portanto, posso dizer que existe e não se trata de anestésico ilusório para tornar a sua vida mais calma e menos incômoda.

Agora, esse amor incomoda quem ama, pois significa fazer o que precisa ser feito, e não o que gostaríamos de fazer. É necessário saber ser duro, educar, dizer não, corrigir, liderar. A arte da liderança dói. Não dá sossego. A vigilância está eternamente presente. E o mais injusto é que, na imensa maioria das vezes, só reconheceremos e amaremos profundamente aquele que tanto nos amou muito tempo depois, quando, já talhados e esculpido, nos vemos mais prontos. Esquecemo-nos do martelo e da

*image  
not  
available*



acomodação de um falso bem-estar. Pela ausência de amor.

Há um elixir propulsor da vida que transforma incômodos em obras de arte; criação e progresso estão na síntese de todas as sínteses – o amor. Talvez mornos não tenham sido flechados pelo poder arrebatador do amor e assim não conseguem processar esse dom fantástico de tudo superar, e a indiferença tenha terminado por prevalecer como comportamento perante a vida. Talvez os frios tenham sido atingidos por levas de “desamor” e, sem saber, busquem de forma agonizante o seu oposto. E os quentes talvez sejam uma legião de sortudos amantes de tudo e todos que, não importando as circunstâncias, sempre aperfeiçoarão o imperfeito e farão da situação a sua gigantesca motivação e evolução. Porém, aos quentes fica a necessidade do desenvolvimento da consciência da cooperação. Ou eles esquentam os mornos ou uma era glacial das almas humanas pode imperar.

*E, ao olhar o mundo, eu gostaria muito de incomodar os mornos, que se aquecessem.*



O que os estudos comportamentais nos revelam sobre a turma do meio, os mornos, os indiferentes? Num congresso nos Estados Unidos, a convite de Patrick Sweeney, que escreveu ao lado de Herb Greenberg o livro *O sucesso tem fórmula?*, conheci Daniel Goleman, criador da Inteligência Emocional. (Aliás, recomendo enfaticamente a leitura de um dos seus últimos livros, *Foco*.) Nessa apresentação, Daniel mostrou uma pesquisa mundial a respeito de como se comportam as pessoas em relação aos fatos, às circunstâncias, ao trabalho e à vida de maneira geral.

*image  
not  
available*



frios, o difamávamos nas fofocas pelos cantos da empresa. Na época, não havia redes sociais, então a fofoca e o bullying tinham velocidade e destruição mais limitadas. Era no boca a boca mesmo. Dizíamos que ele era favorecido, que recebia clientes que já queriam fazer contratos, que o gerente gostava dele e que tinham acordos etc.

Estou expondo uma situação pessoal para cutucar a sua reflexão. Num primeiro emprego, quarenta vendedores, exatamente a curva dos índices de Goleman. E como nos comportávamos? Por afinidades. Nós, os frios, éramos rebeldes e incomodados, claro. Queríamos também ganhar dinheiro e ser considerados bem-sucedidos, mas enfrentávamos esse incômodo profissional com estratégias totalmente equivocadas. Atacávamos os bem-sucedidos e negávamos os procedimentos técnicos e do conhecimento de uma profissão, naquele caso, a de vendedor.

Para ser um bom vendedor, é preciso conquistar, trazer resultados, pois se é avaliado diariamente por métricas cada vez mais detalhadas. E, ainda mais, grandes vendedores aprendem a “incomodar gostoso” seus clientes para que venham a fazer o que precisa ser feito – ou seja, comprar.

No meu primeiro emprego, a turma do meio, os mornos, não faziam isso, eram acomodados. Ganhavam pouco, mas dava para o gasto. Nem se entusiasmavam com o Nolasco nem queriam saber de fazer parte da “resistência”, dos pseudoterroristas em ação.

Um dia, John, fundador e dono da empresa, olhou para mim e disse: “Rapaz, gosto de você. Você pode ser um grande profissional. Basta ver o mundo aqui da empresa de outro jeito. Você tem força, é bravo. Vou demitir uns dez vendedores aí que não vendem nada para ninguém. E

*image  
not  
available*



# CAPÍTULO

*Por que  
vivemos  
assim?*

*image  
not  
available*



Temos vários tipos de incômodo. E infelizmente misturar e confundir legítimas provocações incomodantes e transformadoras, e com potencial ascensional, com outras falsas e ilusórias é algo para ser explodido imediatamente. Tenho aqui uma lista de incômodos idiotas da pior espécie:

- **INCÔMODOS MOSCA:** pequeninos e desprezíveis, ficam zumbindo no seu cérebro o tempo todo. Se deixarmos, tomam proporções gigantescas, e assim podemos viver como Dom Quixote, lutando contra moinhos de vento, acreditando serem gigantes e poderosos inimigos. É como Raul Seixas cantou: “Eu sou a mosca que pousou na sua sopa, eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Porque cê mata uma e vem a outra em meu lugar”.
- **INCÔMODOS COITADINHOS:** são os incômodos que habitam nossa mente, como “autopreconceitos” amplificados pela nossa baixa autoestima e visão de mundo. Fernando Pessoa escreveu: “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo.../ Por isso, a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,/ Porque eu sou do tamanho que vejo/ E não do tamanho da minha altura”.<sup>13</sup>
- **INCÔMODOS MURRO EM PONTA DE FACA:** são fundamentados nas forças ilusórias. Por exemplo: a pessoa é ótima profissional, mas, toda vez que é promovida para gerente, comete e repete os mesmos erros de arrogância, altivez, pois se crê humanamente superior aos demais, numa falsa visão de si mesmo. E assim segue, sem aprender as lições das legítimas causas das interrupções do seu progresso na vida. São

*image  
not  
available*



catástrofes, a fragilidade de cada um de nós, doenças, acidentes. Não temos certeza da vida no próximo minuto, e também a imprecisão e imperfeição dos sistemas de governo, poder político, legais. Então vêm aí os incômodos entrópicos, os apocalípticos. Aqueles grandes que nos pegam mesmo. Guerras, acidentes graves, deformidades genéticas, miséria e pobreza, pestes.

*Freud já disse que viver exige enfrentar diversas incertezas e inseguranças, a própria natureza com suas catástrofes, a fragilidade de cada um de nós, doenças, acidentes.*



No exato momento em que escrevo este livro, vejo parte da África com uma infestação de gafanhotos. Sim, os mesmos velhos e bíblicos gafanhotos, a praga, uma invasão que destrói e come tudo por onde passa. E há, nesse caso, duas razões, uma da natureza e outra da humanidade. Ciclones consideráveis varreram a região em 2018 e 2019, e a guerra civil na área, como na Somália, fez com que o combate aos gafanhotos escasseasse. Estávamos em 2020, e uma praga bíblica, o gafanhoto, continua varrendo áreas imensas, com uma voracidade descomunal. É mais um megaincômodo apocalíptico.

Esses tipos de incômodo arrasam muita gente, porém podem criar os seres humanos mais fortes do mundo. Eis aí a questão: temos tecnologia abundante e dinheiro do Banco Mundial à disposição para o combate a esse tipo de praga, mas ele não é usado. Que incômodo é esse de pragas como o gafanhoto destruírem vidas em uma era de inteligência artificial

*image  
not  
available*



Marape, vais fazer e, por teu trabalho, ganharás estes doces”. Nessa hora, o bom homem da panificadora Roxy disse: “Pela tua atitude, menino, teu pai paga um, e te dou o outro, como lembrança para jamais repetires o furto na tua vida”. Como tenho dito, são incômodos de valores éticos e, ao conversarmos com eles, ao debatermos essas questões internamente, na nossa vida cotidiana, vamos fazendo um “plano invisível” de escolhas, que termina por influenciar os resultados na nossa vida.

Devo desaparecer das redes sociais, desnorteado pelo burburinho e loucuras humanas, ou organizar fontes e racionalidades com grupos de afinidades? Ou ainda deixar de ser impactado por tudo do mundo virtual e valorizar de novo meus contatos pessoais, os livros e as reflexões profundas?

Com essas seis categorias de incômodos definidas, vamos ver como eles se manifestam dentro de nós. Nossos valores determinarão nossas reações, no tempo de uma vida, a todos esses poderosos incômodos. Por isso, atenção total a como pensamos. Quando acuso alguém de outro grupo como responsável pela desgraça do mundo, vale rever o meu código de valores. Algo está errado. Demorou, mas aprendi: não coloco mais a culpa em ninguém, por nada da minha vida. Sou eu o responsável. Eu sou o responsável dentro da nossa sociedade, do país. Isso me ajuda a eliminar aqueles incômodos fruto das ilusões, os falsos incômodos, e não os que são fruto de sonhos legítimos.

- **OS INCÔMODOS LEGÍTIMOS:** são os que podem nos oxigenar e aproximar do que disse o neuropsiquiatra austríaco Viktor Frankl ao sair de um terrível laboratório de extermínio humano, um campo de

*image  
not  
available*



# CAPÍTULO

*Os incômodos são  
as alavancas para as  
transformações que  
você quer ou  
de que precisa*

*image  
not  
available*



compõem o todo trará graves consequências com o tempo. E isso, trazido para a vida na Terra, é dramaticamente vital. Assim, sempre considero as cooperativas que atuam dentro dos rigores filosóficos que as fizeram existir um rico exemplo da possibilidade humana de fazer de severos incômodos entrópicos poderosos sistemas criadores de dignidade de vida para todos.

Então vamos lá: como identificar e trabalhar o aperfeiçoamento ou a transformação de todos os incômodos em alavancas divinas de superação ética e digna em tudo o que formos realizar e viver?

Iniciamos abandonando o “ou” e assumindo o “e”.

## 1. INCÔMODOS “VALORES”

Julgamentos do que fazer ou não fazer. São frequentes e nos aparecem todos os dias. Poderia iniciar dizendo que este incômodo, o número um, é o incômodo de todos os incômodos. Define como pensamos, e a sua hierarquia, estabelecida na mente, nos domina. Dessa forma, quero incomodá-lo intensamente propondo uma reflexão sobre os valores humanos.

Uma mãe com uma filha me diz: “Minha filha de 21 anos quer viver sozinha e do jeito que ela quer. Brigamos todos os dias. O que devo fazer?”.

*Desconsiderar partes que compõem o todo trará graves consequências com o tempo. E isso, trazido para a vida na Terra, é dramaticamente vital.*



*image  
not  
available*



e, se não tiver mais dois ou três pontos consistentes, como criatividade, engajamento, trabalho, viverá grandes frustrações. Outros não conseguem terminar nada que começam. Outros ainda constroem, mas matam suas criaturas.

E, mesmo nos grandes incômodos entrópicos e apocalípticos, observamos que seres humanos agem distintamente perante a crise, seguindo sua hierarquia e qualidade de valores. A ausência de valores morais, éticos, altruístas e a existência apenas de valores voltados à busca do sucesso geram o mau caráter e explicam criminosos e corruptos. Portanto, não existem “maus valores”. Pode existir a ausência de valores de responsabilidade humana perante a sua liberdade.

Dessa forma, uma auditoria na hierarquia dos valores que decidem a cada momento os destinos de uma vida é essencial para educar e liderar. Como tenho enfatizado neste livro, o poder do incômodo incomoda, e isso é ótimo, pois aponta as dores das imperfeições. Assim como os nervos doloridos de um dente diante da água gelada nos avisam para irmos ao dentista, as insatisfações e os efeitos obtidos na vida são reveladores de causas a serem aperfeiçoadas diante das nossas imperfeições, de empresas e até do país onde vivemos.

O mau sinal é não estar incomodado com nada! Estar vivo significa ser impactado por incômodos, tanto os divinos inspiradores, deliciosos para aperfeiçoar os prazeres, quanto os não tão gostosos assim. Agora, muita atenção: não invente incômodo que não é real. Não crie problemas onde não tem. A vida por si só já nos garante e assegura legítimos incômodos com que nos preocuparmos. Não é necessário inventar ou, pior, focar incômodos ridículos que tendem a substituir os verdadeiros, a serem trabalhados, corrigidos e reeducados.



*image  
not  
available*

diretor de personagens do mundo – os influenciadores e dominadores da opinião nas redes. Quando perguntam o que um jovem quer ser hoje, muitos já respondem *influencer*.

A origem do incômodo coitadinho, muitas vezes, é a influência que vem de dentro de casa. Os pais destroem uma criança ao criá-la em um ambiente de baixa autoestima e de vitimização, colocando sempre a culpa nos outros, apontando o dedo e atribuindo aos outros a razão pela qual não conseguem ser felizes.

É muito difícil a situação de uma criança educada sob um regime tenebroso de vitimização. Vitimização dos pais, vitimização dos filhos, vitimização da sociedade. Infelizmente, em uma era em que é comum terceirizar a culpa pelos nossos problemas, observamos um crescer do incômodo coitadinho sendo utilizado de forma leviana, manipuladora e constrangedora por líderes de fortunas, empresas, governos e organizações sociais.

Se olharmos as matérias dos jornais em um dia, no mundo todo, vamos ver presidentes, grandes empresários e intelectuais em um papel de vítima. Eles dizem: “Isso está acontecendo comigo porque meus adversários me perseguem. Isso está acontecendo no nosso país porque aquele outro país faz isso conosco”. Donos de fortunas pegos em esquemas de corrupção não hesitam em colocar a culpa no sistema para justificar seus erros.

Como vemos em Adão entregando Eva e Eva acusando a cobra, o poderoso incômodo do coitadinho, da vitimização, parece ser um dos mais antigos da história. Caim mata Abel porque Deus parecia ter gostado mais do presente de Abel do que do de Caim, que se sentiu vítima. Dois rapazes entram em uma escola na região de São Paulo e atiram nos alunos. O motivo: o incômodo do